

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

RESUMO

Neste artigo relatamos, de maneira sucinta, cinco anos de trabalhos realizados pelo Grupo de Estudos Oficinas do Jogo, um grupo independente de produção pedagógica, sediado em Florianópolis, Santa Catarina. O grupo Oficinas do Jogo integra professores da rede de ensino de várias cidades, interessados em refletir sobre suas próprias experiências pedagógicas, em estudar teorias alimentadoras de produções pedagógicas, e em construir elementos formadores de uma pedagogia lúdica que ensine, nas escolas, especificamente, a cultura da Educação Física, e, além dela, conhecimentos que transcendam essa disciplina e repercutam nas demais disciplinas escolares e em outras situações de vida. Uma maneira de aprofundar nossos estudos é a pesquisa científica, feita sempre qualitativamente e em forma de pesquisa-ação, o que possibilita a nossos professores, tornando-se pesquisadores, pesquisarem suas próprias ações de ensinar.

Palavras chave: Educação Física, Oficinas do Jogo, Pedagogia, Pedagogia Lúdica

Introdução

Enquanto estive ligado à universidade, e, pela última vez, à Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, desenvolvi um projeto que integrava, simultaneamente, ensino, pesquisa e extensão, tal como sempre entendi que devem fazer os professores universitários. Esse projeto foi criado em 2004, com alguns professores da rede escolar de Florianópolis; juntos formamos o grupo de estudos Oficinas do Jogo (2009), que promoveu um trabalho de educação permanente com professores da rede, levou à rede de ensino nossa contribuição pedagógica, e realizou pesquisas sobre Educação Física Escolar. Agora, não mais ligado à universidade, continuo coordenando, de maneira

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

independente, esse grupo de estudos, cujos objetivos permanecem os mesmos.

Discutimos, no grupo Oficinas do Jogo, questões de conteúdos da Educação Física Escolar, método, teorias educacionais e psicológicas, entre outras, além, obviamente, das práticas cotidianas dos professores do grupo em suas aulas. Creio que, de alguma forma, entre nós, como ocorre em vários outros grupos na área, a questão dos conteúdos em Educação Física, tem sido bem encaminhada. Para quem atua na educação escolar, há certo acordo em torno de haver uma cultura típica da Educação Física, assim como as demais disciplinas escolares possuem suas culturas típicas. No caso da Educação Física, a maioria concorda que jogo, esporte, dança, luta e ginástica constituem os conteúdos dessa disciplina, uma espécie de cultura corporal incorporada pela cultura da Educação Física. Pessoalmente, tendo me debruçado um pouco mais sobre as questões teóricas do jogo (ou lúdico), integro tais conteúdos numa dimensão maior que chamo de jogo (cujas manifestações podem ser diversas, dependendo de cada contexto, tais como brincadeiras, esportes, lutas, danças, etc.), e acrescento outros conteúdos na dimensão do exercício corporal (exercícios de flexibilidade, de força, de resistência, etc.). Diferencia-os o fato de que no jogo se inscrevem as atividades que fazemos sem cumprir necessidades, sem obedecer a rotinas objetivas; porém, este não é um artigo sobre teoria do jogo. Os exercícios são rotinas, são tarefas, semelhantes às que cumprimos quando trabalhamos.

Não está bem encaminhada, porém, a questão do método. Tornamo-nos de tal maneira conteudistas que parece bastar preencher uma aula com conteúdos para que tudo se resolva: alguns exercícios, por exemplo, pelo simples fato de existirem, devem cumprir a mágica de promover saúde; outros tantos, apenas porque são brincadeiras infantis, garantiriam a qualidade de uma aula, já que as crianças os adoram; bastaria repetir à exaustão certas rotinas de movimentos que a aprendizagem do esporte se cumpriria. Claro que, em qualquer desses casos, há um método que orienta o trabalho dos professores, porém, nem sempre praticado conscientemente. E aí temos o primeiro grande problema: nunca uma aula deveria ser realizada sem que os professores tivessem consciência do método que a orienta. O método me diz o

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

que ensino. Paulo Freire, por exemplo, ensinava a ler e a escrever, porém, ensinando isso, ensinava também seus alunos a ter consciência de aspectos pontuais e gerais da vida que levavam (Freire P, 2005). Ensinar a escrever a palavra terra poderia, nas aulas de Paulo Freire, ter um alcance notável. Ele não era dominado por um método; ele o dominava. Sabia como lidar com os conflitos, com as contradições, e por isso, podia provocá-los, para que, deles, resultasse a conscientização.

A parte de minha produção que pode ser chamada mais tipicamente de científica, portanto, prende-se, nos últimos anos, ao grupo de estudos Oficinas do Jogo e, no interior do grupo, à questão do método. Quando realizamos pesquisas, fazêmo-lo preocupados, acima de tudo, com o modo como as ações se desenvolvem dentro de uma aula.

O método

Etimologicamente, método vem a ser “caminho através”, ou seja, fazer algo com método é definir um caminho através do qual se chegará a algo pretendido. Claro que o método escolhido é um entre diversos possíveis. O segundo preceito de Descartes era significativo da maneira como ele via o método: “O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.” (Descartes, 1996, P. 78). Descartes acreditava que decompor o problema até seus elementos mais simples, seria o melhor caminho para chegar à solução. Séculos depois Edgar Morin recusa a simplificação de Descartes e propõe:

“Eu não trago o método nem parto à procura do método. Não parto com o método, parto com a recusa, plenamente consciente, da simplificação. A simplificação é a disjunção entre entidades separadas e fechadas, a redução a um elemento simples, a expulsão daquilo que não cabe no esquema linear. Parto com a vontade de não ceder a estes modos fundamentais do pensamento simplificador...” p. 24. (Morin, sem data).

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

De sua parte Paul Feyerabend, de seu ponto de vista anárquico, recusa aceitar uma tradição científica que se pretende neutra, independente, inclusive, das subjetividades, das crenças, da cultura de cada pesquisador. Feyerabend pergunta se devemos conceder a essa tradição científica o direito de “...manipular o conhecimento, de tal modo que quaisquer resultados obtidos por outros métodos sejam, de imediato, ignorados?” p. 21. (Feyerabend, 1977). Ele mesmo responde a essa pergunta com um sonoro não.

Muito se poderia escrever sobre o método, se este artigo o tivesse como tema, mas, de preferência, que os argumentos fossem díspares. Os três autores que mencionei, escolhi-os a dedo, por preencherem a condição que mencionei. Não há verdade em ciência; há, como diria Popper, após abnegado esforço do pesquisador, a possibilidade de alegar que uma tal teoria, “...é uma aproximação melhor da verdade do que qualquer teoria concorrente até então proposta.” P. 86 (Popper, 1975).

Este preâmbulo justifica, de alguma forma, a dificuldade, encontrada hoje, de pesquisar e, conseqüentemente, de publicar, qualquer tema, orientando-se por métodos que, por exemplo, avizinhem-se das idéias de Morin e Feyerabend, dadas as incompreensões e preconceitos que cercam os métodos não positivistas. Creio que, na investigação científica, ver as coisas do ponto de vista da complexidade, não necessariamente esgota as possibilidades de perseguir a verdade, porém, o mesmo pode-se dizer do ponto de vista positivista, do viés cartesiano. Particularmente, julgo que o método deve servir à investigação, e não o contrário. Morin foi mais longe: “O método só pode formar-se durante a investigação; só pode desprender-se e formular-se depois, no momento em que o termo se torna um novo ponto de partida, desta vez dotado de método.” P. 25 (Morin, sem data). Que se tenha, portanto, idéia da complexidade representada pelo fenômeno constituído por uma aula; dar aula envolve uma trama tão complexa de elementos que, revelá-los todos com clareza, seria uma tarefa impossível. Daí a necessidade dos recortes, isto é, a importância de saber focalizar, na pesquisa científica, o ponto possível de investigação.

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

As Oficinas do Jogo integram um conjunto de ações que constituem um projeto pedagógico, projeto esse devotado a produzir, a partir de reflexões sobre práticas e estudos teóricos, novas possibilidades pedagógicas para a educação escolar. O ponto de partida das Oficinas do Jogo não são idéias concebidas por pensadores da universidade; crenças ou ilusões, segundo as quais, se seguidas pelos professores da rede de ensino, redimiriam a maneira de educar de uma escola, uma cidade, um estado, um país. Apesar de ter nascido em uma universidade, a Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina, a raiz das investigações científicas dos componentes do grupo Oficinas do Jogo são os acontecimentos centrais presenciados nas escolas, isto é, as aulas, de Educação Física ou outras. Resolver esse problema só foi possível quando, após um laborioso tempo de formação, professores da rede transformaram-se em investigadores de uma equipe que tem o propósito de partir da realidade escolar, e não da realidade mental de pesquisadores universitários. Não descartamos a pesquisa tradicional, positivista, quantitativa, apenas priorizamos, por se ajustar melhor ao nosso projeto, a pesquisa qualitativa, tais como o estudo de caso, a observação participante, a pesquisa participante e a pesquisa-ação. Eventualmente, quando é necessário formular cálculos e tabelas, recorremos a análises quantitativas.

O modelo de pesquisa qualitativa denominado pesquisa-ação, por seu enfoque, acima de tudo, social (Turato, 2003), tem sido o mais adotado em nossas pesquisas. Para Thiollent (Thiollent, 1998), as bases da pesquisa-ação são empíricas, e seu enfoque é social. Não é possível, nesse modelo de pesquisa, deixar o pesquisador desconectado da situação pesquisada. Em hipótese alguma ele seria um observador neutro. Pelo contrário, ele estaria envolvido na ação pesquisada não só como pesquisador, mas como um de seus atores. Pode-se dizer que, na pesquisa-ação, o pesquisador pesquisa sua própria ação (além daquela de outros atores produtores da ação pesquisada).

Neste ponto, vale esclarecer que, antes de se tornar pesquisador, o professor participa durante algum tempo dos momentos de estudo no grupo Oficinas do Jogo. Ao se sentir preparado, e, se houver interesse de sua parte, ele pode manifestar a intenção de pesquisar suas próprias aulas, nas quais ele aplica os princípios pedagógicos do grupo Oficinas do Jogo. Em suas aulas, ele

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

interpreta tais princípios ao seu modo, produzindo uma pedagogia que tem algo em comum a todas as aulas que aplicarem os princípios das Oficinas do Jogo, mas que tem algo tipicamente seu, algo que não se confunde com qualquer outra aula, uma vez que se trata de sua interpretação. De modo geral, as aulas, segundo os princípios das Oficinas do Jogo, supõem a riqueza e a diversidade de material pedagógico (criados pelos componentes do grupo), conteúdos lúdicos, e conflitos geradores de tomadas de consciência. A partir de sua intenção de pesquisar, uma palestra é dada para todos os professores de sua escola, para envolver a todos no processo, um mutirão de construção de materiais pedagógicos é realizado, um plano de pesquisa é apresentado, e a pesquisa é iniciada; será acompanhada em todo o seu desenvolvimento pelos componentes do grupo de estudos Oficinas do Jogo. Trata-se, portanto, de pesquisas sobre educação escolar, de caráter social e de acordo com um projeto coletivo. Tripp (2005) afirma que, no âmbito da educação, a pesquisa-ação é, acima de tudo, “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.” P. 246.

A pesquisa qualitativa supõe, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), um pesquisador que “...mantenha contato direto e prolongado com o meio ambiente da situação que está sendo investigada, a fim de que sejam compreendidos os significados das ações de um sujeito ou grupo de sujeitos inseridos no ambiente de um contexto social concreto.” P. 28. Para tanto, o pesquisador deve servir-se de instrumentos que facilitem o registro dos acontecimentos. Esse registro deve seguir um plano bem elaborado, dada a dificuldade de, a um só tempo, participar das ações como professor, e captar os dados necessários às análises posteriores. Serve-se, quase sempre, de um diário de campo, onde serão feitas anotações pontuais, além de outras recolhidas da memória, bem como observações gerais. Os dados referem-se ao foco da pesquisa, e isso precisa ser obedecido permanentemente, para que o pesquisador não se disperse, dada a variedade imensa de acontecimentos de uma aula. Além do diário de campo, podem ser utilizados (às vezes com

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

ajuda de outras pessoas) registros em vídeo, em fotografia e em áudio. Eventualmente entrevistas semi-estruturadas podem ser feitas.

As pesquisas

Ao longo dos cinco anos de existência do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo, diversas pesquisas foram realizadas; outras estão em andamento. Nas próximas páginas descreveremos, parcialmente, algumas delas.

Em 2005 concluímos, em uma escola municipal de Florianópolis, uma pesquisa que levava o título “Oficinas do jogo: uma abordagem pedagógica transdisciplinar nas séries iniciais do Ensino Fundamental”. As crianças envolvidas nessa pesquisa eram moradoras de uma comunidade economicamente empobrecida, razão de nosso interesse, uma vez que tínhamos conhecimento prévio da frequência com que, nessas comunidades, as crianças são promovidas para os próximos anos escolares sem estarem devidamente alfabetizadas. Nas palavras da autora desse estudo, uma das integrantes do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo, “...foi estabelecido como objetivo principal deste estudo investigar o potencial pedagógico de uma abordagem transdisciplinar através das Oficinas do Jogo nas séries iniciais do Ensino Fundamental.” P. 16 (Feijó, 2005).

Durante um ano letivo, essas crianças, freqüentadoras, na época, da segunda série do Ensino Fundamental, realizaram aulas de Educação Física, segundo os princípios das Oficinas do Jogo. De maneira geral, essas aulas incluíam conteúdos lúdicos, mais particularmente, jogos da cultura popular brasileira. Os jogos mais típicos para essa idade são os jogos sociais e os jogos de faz-de-conta, estes últimos, muito afins com os materiais didáticos adotados nas Oficinas do Jogo. Por exemplo, as crianças, organizadas em grupos, podem ser convidadas a realizar, cada grupo, construções de suas moradias. Ora, cada criança tem sua moradia, mas o que se pede na aula é que façam uma construção coletiva. Para isso, precisam chegar a acordos, o que gera conflitos, os conflitos geram discussões, mediações da professora, até que se chegue a um resultado final. Feita a casa, ela é descrita minuciosamente para a professora, às vezes até desenhada e escrita. Esses inúmeros fatores de conflitos, produzem momentos de tomada de consciência,

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

pela necessidade que as crianças encontram de conversar entre elas, de pensar soluções, de rever posições, de conversar em roda com a professora, e assim por diante. Essas tomadas de consciência contêm fortes elementos transdisciplinares, pois, se a técnica de elaboração de um gesto ou de uma construção é particular a uma dada situação, a consciência sobre tais ações transcendem tal situação e estende-se a outros universos. Em um de meus livros, afirmei que:

(...) a marca da escola deve ser firmada pelo objetivo de desenvolver no aluno a consciência sobre as práticas realizadas. Para tanto, proponho que os jogos sejam sempre repetidos com acréscimo de algum componente novo, para que a novidade se conflite com os esquemas atuais e possam produzir tomadas de consciência. Acresça-se a isso a estratégia de conversar com os alunos em rodas, antes, às vezes durante e depois das práticas, outro fator de tomada de consciência. P. 108 (Freire, 2002).

Após meses de aulas em que as crianças se envolveram com jogos, os mais diversos, pudemos colher resultados extremamente significativos, em função dos objetivos propostos. Lembro que, em todas as aulas, a conduta da professora seguia uma orientação metodológica bem definida, absolutamente de acordo com o que afirmei na citação anterior, isto é, qualquer ação dos alunos era permeada pelos conflitos produzidos pelo modo de orientar os jogos. As crianças sempre tinham obstáculos a superar, sempre precisavam agir coletivamente, sempre se deparavam com questões emocionais e morais, sempre precisavam apreciar esteticamente suas construções e se expressar bem motora e verbalmente.

Entre tantos resultados positivos encontrados, alguns deles colhidos de depoimentos da professora de sala, da orientadora, da supervisora e da diretora, destacamos apenas um deles que, julgo, representa, mais que todos, o poder transdisciplinar de uma pedagogia geradora de conflitos, porém, lúdica,

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

portanto, extremamente motivadora. Ao final dos trabalhos, as crianças receberam uma folha de papel onde se lia no cabeçalho: “Escreva o que você aprendeu nas Oficinas do Jogo”. Todas, sem exceção, foram capazes de ler o cabeçalho e escrever seus depoimentos. Transcrevemos um deles:

“Eu aprendi brincadeiras muito legais.”

“Eu aprendi a respeitar meus amigos” “Adorei os passeios: na Atagy, no centro, no Morro do Horácio, no parque” E construí tudo isto com os materiais das oficinas do jogo. “E desenhava e escrevia tudo o que eu construí”

“Eu gosto de participar das Oficinas”

Não ensinamos as crianças a ler e escrever durante as aulas de Educação Física, mas as ensinamos a pensar enquanto realizavam as atividades típicas de Educação Física. Fortalecemos seu pensamento e, com o pensamento fortalecido, puderam aprender a ler e escrever com mais facilidade em sala de aula. Não é papel da Educação Física ensinar a ler e escrever, mas é papel dela, enquanto pratica seus conteúdos, aplicar uma metodologia que fortaleça outras dimensões além da motora. Basta que, para isso, provoquemos conflitos seguidos de tomadas de consciência. Em outra obra, escrevi que:

Quando falamos em tomada de consciência, portanto, não estamos simplesmente aludindo ao resgate de um plano – o inconsciente – em outro plano – o consciente. Estamos nos referindo a um processo de transformação que faz com que o mais essencial numa ação, aquilo que a torna possível, porque a coordena, e que pode ser comum às outras ações (portanto generalizável a elas), torne-se matéria consciente, disponível para ser mobilizada na aquisição de novos conhecimentos. P. 120 (Freire e Scaglia, 2004).

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

As pesquisas se sucederam e os resultados se confirmaram. Um dado interessante: em cinco anos de aulas de Educação Física aplicando os princípios das Oficinas do Jogo, nunca registramos sequer um caso de desinteresse por parte das crianças.

Também em 2005, concluímos outra pesquisa, também em uma escola de comunidade economicamente empobrecida. Essa pesquisa resultou na dissertação de mestrado do Prof. Ciro Goda, um dos fundadores do grupo Oficinas do Jogo (Goda, 2005). Goda escreveu, logo no início de seu trabalho, que,

O colorido das Oficinas do Jogo, e as reações de encantamento que advêm do manuseio das peças podem reforçar a convicção de que a construção do saber não precisa se dar apenas entre quatro paredes. Pode ser estendida a pátios abertos, na informalidade, entre risos...
p. 13

A proposta do Prof. Ciro encontrou eco na direção da escola onde ele trabalhava. Ele acreditava ser possível fugir da formalidade tão antiga, que reduz o espaço de ação da criança que aprende, a salas fechadas e carteiras escolares. Citando Gomez, ele afirmava que era preciso mudar urgentemente a escola, alterar sua cultura, adequando-a às características de cada contexto, sempre diferentes uns dos outros (Gómez, 2004). De maneira muito semelhante ao que objetivou Feijó (2005) em seu trabalho, Goda definiu como objetivo “(...) verificar o potencial das Oficinas do Jogo como prática pedagógica capaz de produzir repercussões nas demais aprendizagens escolares, bem como produzir aprendizagens em outros planos não previstos pela escola tradicional.” P. 26 (Goda, 2005).

Esse estudo, a exemplo do anterior mencionado, caracterizou-se como sendo uma pesquisa qualitativa, na modalidade denominada pesquisa-ação, isto é, um tipo de pesquisa em que o pesquisador pesquisa sua própria ação

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

junto a uma comunidade, no caso uma comunidade escolar em que os sujeitos da pesquisa eram seus próprios alunos.

No início do ano letivo, o pesquisador deixava que as crianças brincassem à vontade, servindo-se dos materiais didáticos como bem quisessem. Durante diversas aulas alternaram diversos temas em suas brincadeiras de faz-de-conta. A partir de uma determinada aula, adotaram como tema de brincadeiras o Supermercado. Com os materiais, passaram a construir as dependências de um supermercado e a brincar de fazer-de-conta que eram vendedores, compradores, motoristas, administradores, etc. Visitaram um supermercado, fizeram pesquisas, criaram dinheiro próprio, de modo que suas construções ganhavam cada vez mais sofisticação e detalhamento. Percebendo os efeitos dessas aulas em outros momentos da escola, a direção da escola envolveu-se no projeto, bem como a professora de sala de aula e a coordenadora pedagógica. Até o final do semestre, as crianças não mais quiseram alterar o tema de suas brincadeiras em aula, o que foi seguido pelo professor. Durante todo o estudo, o professor-pesquisador anotou em um diário de campo, os acontecimentos significativos ocorridos durante as aulas. Ao final, os dados colhidos foram classificados em seis campos distintos: moralidade, motricidade, afetividade, sociabilidade, estética e intelectualidade.

Foi possível perceber com extrema nitidez que, ao passo que o supermercado crescia, ganhava refinamento, detalhamento, os alunos ganhavam em desenvolvimento quanto aos campos observados. Para organizar o supermercado, segundo o Prof. Ciro Goda, as crianças tiveram que pesquisar:

(...) mercadorias, preços, qualidade, organização. Tiveram que montar departamentos, lidar com dinheiro, fazer cálculos e escrever. Aquilo que, habitualmente, só é típico da disciplina Educação Física, passou a integrar conhecimentos de diversas áreas. Acabaram gerando um tema que as obrigava a pensar, logo, isso repercutiu em outras atividades que exigiam o pensamento lógico-matemático, como as disciplinas de sala de aula. Lidar

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

com um supermercado exige falar bem e escrever, portanto, os conteúdos de português passaram a ser assimilados com maior facilidade. O material reciclado e os arranjos do estabelecimento comercial, entre outras brincadeiras, produziram um ambiente riquíssimo em beleza.” P. 122 (Goda, 2005).

As professoras de sala de aula dessas crianças (segunda série do Ensino Fundamental) foram unânimes em reconhecer os avanços delas nas matérias ministradas em sala. Aprenderam a ler e a escrever. Em todos os campos mencionados (moralidade, motricidade, etc.), houve avanços significativos.

Ficou evidente, nessa pesquisa, ser possível transcender os limites da disciplina Educação Física e, num projeto conjunto com a direção da escola, praticar aulas que rompam com a tradicional organização disciplinar.

Dois de nossas pesquisas foram realizadas com crianças de Educação Infantil. A primeira delas abordou a temática da imaginação e teve por título “Oficinas do Jogo: o desenvolvimento da imaginação na educação física da Educação Infantil”. Investigamos o poder de uma pedagogia lúdica, como a que é praticada nas Oficinas do Jogo, na formação da imaginação das crianças. Fizemos isso desenvolvendo um programa de jogos especialmente voltado para fomentar a imaginação infantil com crianças de uma escola de Educação Infantil. A professora dessas crianças, participante do grupo de estudos Oficinas do Jogo, era também a pesquisadora, razão pela qual a pesquisa teve caráter de pesquisa-ação, uma modalidade de pesquisa qualitativa (Santana, 2008). Durante todo um semestre letivo ela recolheu dados do programa de Educação Física que aplicava nas aulas, concluindo o trabalho de investigação no final de 2008.

Os dados para análise do estudo foram colhidos durante as próprias aulas e registrados em diário de campo pela própria pesquisadora. As aulas para essas crianças de Educação Infantil eram constituídas basicamente de brincadeiras de faz-de-conta. No nosso entender, a Educação Infantil deveria ser uma escola de imaginação. É quando somos mais férteis em imaginar,

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

porque nossa imaginação, a habilidade maior do ser humano, está em formação.

A professora-pesquisadora optou por organizar seu programa de aulas com base nos jogos de construção, usando, em algumas aulas, um único tipo de material pedagógico, por exemplo, tampinhas de garrafa coloridas. Antes, durante e após os jogos, a professora conversava com as crianças, para que elas expusessem os frutos de sua imaginação. Kishimoto (1994), uma das autoras mais respeitáveis no que diz respeito às questões do jogo, afirma que,

Para se compreender a relevância das construções é necessário considerar tanto a fala como a ação da criança, que revelam complicadas relações. É importante, também, considerar as idéias presentes em tais representações, como elas adquirem tais temas e como o mundo real contribui para a construção das mesmas. P. 100.

De sua parte, as crianças, quando instadas a falar sobre seus jogos, diziam coisas como “Aqui dentro é a casa da Chapeuzinho”, ou “É onde mora a pequena sereia, dentro das latinhas, são conchinhas de ouro”. Se, de nossa parte, cremos firmemente ser necessário desenvolver na educação escolar, acima de tudo, a imaginação humana, os jogos de faz-de-conta, orientados de acordo com a metodologia já descrita neste artigo, são decisivos.

Em outras aulas, a professora usava materiais diversos, e as crianças desenvolviam seus temas usando-os livremente. Em outras, ainda, os jogos eram realizados a partir de histórias infantis contadas pela professora. Também foram realizadas aulas com jogos desenvolvidos tendo por inspiração as histórias contadas pelas próprias crianças. Noutro caso, os jogos tinham como suporte ilustrações mostradas em quadros para as crianças. Por último, os temas de jogos originavam-se nas brincadeiras populares mais conhecidas como, por exemplo, O gato e o Rato ou o Caça ao Tesouro.

A análise das expressões das crianças resultou em extensas interpretações. Resumindo-as, dado o curto espaço disponível em um artigo, podemos dizer que as expressões verbais revelaram o imaginário das crianças

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

muito mais quando os jogos tinham por inspiração “histórias infantis contadas pela professora”, “histórias criadas pelas próprias crianças”, e “brincadeiras populares”. Ou seja, após ouvir histórias, as crianças eram muito imaginativas em seus jogos, o mesmo ocorrendo quando estavam brincando com uma brincadeira popular conhecida. Supomos, portanto, a partir de nossos estudos, que, na Educação Infantil, os jogos fomentam mais fortemente a imaginação das crianças estando alicerçados em histórias ouvidas pelas crianças, ou quando fundados em experiências anteriores, tais como as vividas em brincadeiras populares.

Em outra pesquisa, concluída em 2007, abordamos a temática dos sentidos. Julgamos que os sentidos, e estou falando de visão, audição, olfato, tato e gustação, deveriam ser tema educacional. No entanto, pouco se nota essa preocupação na educação formal. Para mim, apesar de sabermos de nossa fragilidade sensorial, pois, comparados a outros animais, somos extremamente limitados em ver, ouvir, degustar, cheirar ou tocar, tais sentidos, uma vez educados, podem ser tornados poderosos. Vistas as coisas fora de nós, nosso alcance visual é muito pequeno; no entanto, quando olhamos para dentro, ganham outra dimensão, a dimensão da imaginação humana. Por mais precário que seja nosso aparelho auditivo, quando os sons são levados à imaginação, ganham um poder extraordinário; um grande exemplo é a produção musical. O programa de Educação Física estudado nesta pesquisa, tinha por objetivo educar os sentidos de crianças da Educação Infantil, no sentido de torná-los mais desenvolvidos porque potencializados pela imaginação. O sentido mais focado no programa de Educação Física e na investigação foi a audição (Gamba, 2007). Também neste caso a professora de Educação Física era a pesquisadora, caracterizando o que chamamos de pesquisa-ação.

O trabalho pedagógico escolar sofre intensamente com um problema perene: a falta de atenção dos alunos durante as aulas; como se o que se dissesse em aula interessasse tão pouco ao aluno que ele não lhe dá atenção. A Professora Lélia, pesquisadora do trabalho sobre os sentidos, afirmou, numa passagem, que, “Os ouvidos sem atenção não ouvem. Os olhos com atenção

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

enxergam. As ondas sonoras ou os raios luminosos chegam a todos os ouvidos e olhos, mas sem atenção, não ouvem ou enxergam.” P. 19 (Gambá, 2007).

Logo ao início do programa as crianças, percebendo o que se passava, disseram à professora que eram caçadores de sons. Não só a educação da audição alimentaria as aulas, mas era o mote principal de quase todas elas. Por exemplo, durante um passeio pela escola, a professora pedia que prestassem atenção a todos os sons que ouvissem, e insistia durante todo o passeio nessa proposta. Ao final, sentavam-se todos em roda com a professora e ela lhes fazia perguntas sobre o que tinham ouvido. Ora, quando falavam sobre os sons, já não se tratava mais de um acontecimento sonoro naquele momento, mas algo passado, algo que só podia ser ouvido na imaginação, dentro de cada criança. As crianças, ao voltar dos passeios, falavam de cachorros latindo, de homem falando com o cachorro, de caminhões passando, de carros, de nuvens, de arco-íris, de borboletas voando, ou seja, de coisas realmente ouvidas e de outras que já eram apenas fruto de sua imaginação. Nas conversas, o que diziam estava dentro delas, era uma produção imaginária.

Durante todo o ano letivo, ouviram e relataram sons da escola, do bairro, da cidade. Produziram sons em objetos e no próprio corpo. Construíram instrumentos, formaram grupos sonoros, e falaram e desenharam sobre tudo isso. Certa ocasião, passeando pelo bairro para ouvir seus sons, as crianças e a professora encontraram um quintal muito grande com um diversificado canteiro de temperos. O proprietário autorizou as crianças a visitá-lo e elas, orientadas pela professora, passaram a ver, tocar e cheirar as ervas. Ao final, a professora pediu que levassem pequenas amostras dos temperos para casa e pedissem aos pais para vê-los e cheirá-los. Foi comovente verificar os depoimentos dos pais. Falaram de acontecimentos passados, alguns de suas infâncias, de cenas alegres já vividas. Os cheiros mobilizaram a imaginação. Um dos pais escreveu: “Foi uma viagem ao passado, à infância. Cheirinho gostoso de mato; lembrou-me a chácara de meu avô, onde vivi muitos momentos felizes. É mesmo incrível a nossa memória olfativa! Dizem ser a melhor de todas. Sim, gostamos da sensação.” P. 72 (Gambá, 2007).

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

No diário de campo a pesquisadora registrou falas e atitudes das crianças. Além disso, colheu o depoimento de professoras, da coordenadora, de pais, e pôde perceber a riqueza da imaginação das crianças manifestada em suas atitudes. A pesquisa qualitativa apenas levanta argumentos, procurando, com eles, fortalecer uma suposição a respeito de uma determinada tese. Julgamos que, sendo a imaginação humana o atributo mais rico de que podemos dispor, educá-la faz todo o sentido. No caso deste trabalho a idéia era mostrar como uma pedagogia lúdica podia fortalecer o modo humano de sentir as coisas.

Por último, e para que não nos alonguemos demais neste artigo, vamos relatar uma pesquisa feita em uma escola pública que apresentava sintomas gravíssimos de violência, diversas delas ligadas à questão sexual. Crianças mais velhas praticando atos de violência sobre as mais novas e até molestando-as sexualmente, constituía um problema que se agravava crescentemente. No ano letivo de 2005, o índice de reprovação na primeira série do Ensino Fundamental chegou a 34,18%. Ou seja, por fatores que se acumularam ao longo dos anos, a escola sofria um gradativo processo de deterioração. A idéia no trabalho que realizamos nessa escola era reverter o processo, apostando que, se fatores negativos deterioram o processo educacional, fatores positivos poderiam enriquecê-lo. Para nós, o projeto Oficinas do Jogo é um programa pedagógico transdisciplinar. Nós o aplicaríamos em uma turma de terceira série do Ensino Fundamental, a que sofria mais com os problemas de deterioração do processo de ensino. Supúnhamos que fazer um bom trabalho educacional com essa turma, nas aulas de Educação Física, produziria repercussões positivas em toda a turma da terceira série, bem como poderíamos fazer isso chegar às outras turmas (as quatro séries do Ensino Fundamental). Os problemas mais graves apontados por professores e dirigentes da escola eram: violência, atenção, relacionamento entre professores e crianças, dificuldades de aprendizagem, baixa auto-estima e falta de interesse pelas aulas. Dentre esses, os dois primeiros eram considerados os mais graves de todos, na turma em que investimos, porém, esses problemas também existiam, com maior ou menor gravidade, nas demais turmas. Ao final de vinte aulas de Educação Física

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

ministradas, esses problemas não mais foram apontados pela professora de Educação Física, pela professora de sala, ou pela coordenadora pedagógica.

Essa investigação deu origem a uma dissertação de mestrado (Leite, 2008). Julgo que colocar aqui as palavras da própria autora ilustra muito o fundamento de um programa transdisciplinar, e nossa crença, no grupo de estudos Oficinas do Jogo, a respeito da necessidade de chamar a atenção para o trabalho pedagógico:

Nesta dissertação, tratamos, mais especificamente, das questões transdisciplinares de uma pedagogia lúdica. Embora recorramos a conhecimentos oriundos da psicologia, da sociologia ou da antropologia, consiste em um trabalho voltado para a pedagogia. Em pedagogia, a preocupação é produzir e servir-se de elementos que ensinem algo a alguém. De modo que, ao final de um processo pedagógico, os alunos se apropriem de conhecimentos que lhes permitam dar conta, melhor, de suas vidas... A pedagogia não resolve problemas para os alunos, apenas os fortalece, para que resolvam seus próprios problemas.” P. 79.

Considerações finais

Se, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados em 1996, há uma forte recomendação para que a escola adote temas transversais, numa tentativa de ligar os conhecimentos entre si, no caso da Educação Física, podemos ir mais adiante. A própria disciplina, por suas características, pode ser, por si só, transdisciplinar. Claro que ela tem uma cultura própria, tal como as demais disciplinas e, nesse ponto, é inconfundível. Fazem parte, por exemplo, da Educação Física, os jogos, em suas diversas manifestações, tais como as brincadeiras infantis, as lutas, as danças, as festas, e assim por diante. A disciplina também absorveu conteúdos como os exercícios de fortalecimento muscular, as corridas de resistência, os exercícios de

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

flexibilidade, etc. Porém, a Educação Física tem uma particularidade: seus conteúdos são muito abertos, não precisam ser confinados, cada um deles, a uma determinada série escolar; são adaptáveis, em boa parte dos casos, a esta ou àquela série escolar, a esta ou àquela idade. Presta-se muito bem, por exemplo, à problematização. Enquanto ensinamos variações inúmeras da brincadeira de pular corda, podemos produzir situações de conflito, problemas que um grupo de alunos só pode resolver com articulações coletivas, produzindo técnicas e conceitos de cooperações, bem como conceitos morais e habilidades para lidar com as emoções. Enquanto realizamos atividades de fortalecimento muscular, podemos também voltar a atenção dos alunos para a apreciação estética do próprio corpo, dos próprios gestos e das coreografias produzidas pelo grupo de alunos. Nas situações de conflito produzidas durante os jogos, não precisamos, na Educação Física, nos preocupar em ensinar a ler e escrever, ou a calcular; basta fortalecer o pensamento dos alunos, que isso repercutirá nas disciplinas responsáveis pela produção dos conhecimentos específicos da língua portuguesa e da matemática, por exemplo.

174

Referências bibliográficas

- Bogdan, R.C. e Bicken, S.K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- Descartes, R. Discurso do método. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- Feijó, A. T. M. Oficinas do jogo: uma abordagem transdisciplinar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Cefid-Udesc, 2005.
- Feyerabend, P. Contra o método. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- Freire, J.B. O jogo: entre o riso e o choro. São Paulo: Autores Associados, 2002
- Freire, J.B; Scaglia, A.J. Educação como prática corporal. São Paulo: Scipione, 2004.
- Freire, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

OFICINAS DO JOGO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

João Batista Freire

Gambá, L.R.K. Oficinas do Jogo: educação dos sentidos. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Cefid-Udesc, 2007.

Goda, C. Fabrincando: as Oficinas do jogo como proposta educacional nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Cefid-Udesc, 2005.

Gómez, E. S. Outros tempos para outra escola. Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre: Publicação Artmed Editora S.A. Ano VIII, n. 30 maio/julho, 2004.

Kishimoto, T. M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.

Leite, D.A.R.C. Oficinas do Jogo: a prática lúdica como proposta transdisciplinar no cotidiano de uma escola de Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Cefid-Udesc, 2008.

Morin, E. O método I: a natureza da natureza. Sintra, Portugal: Europa-América, sem data.

Oficinas do Jogo. Disponível em: <http://www.oficinasdojogo.org>. Acesso em 18 de agosto de 2009.

Popper, K. R. Conhecimento objetivo. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

Santana, G. Oficinas do Jogo: o desenvolvimento da imaginação na educação física da Educação Infantil. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Cefid-Udesc, 2008.

Thiollent, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1998.

Tripp, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez 2005.

Turato, E.R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.